

ACM quer mais mudanças

As mudanças no Imposto de Renda não foram suficientes para satisfazer o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA). Ele deixou Brasília ontem pela manhã com a certeza de que haveria uma redução do aumento para todos os contribuintes, ou para aqueles que recebem até R\$ 5 mil e foi surpreendido com o alívio para a faixa até R\$ 1.800,00. Embora tenha dado sinal verde para que os líderes negociassem a proposta, deixou claro ontem a políticos que poderá insistir em mais mudanças. "Eu vou continuar lutando por uma medida mais justa", confidenciou a políticos.

"Eu cresci desde que assumi a presidência do Senado e exijo respeito como chefe de um Poder". Ele repete a frase quase que diariamente desde o anúncio do pacote fiscal, no dia 8. Ontem, capitalizou e deu a senha de que ainda pode insistir em mudanças: "Vocês sabem o quanto eu tenho lutado e vou continuar lutando para evitar que os assalariados sejam vítimas das mordidas do Leão", disse ele em discurso, na inauguração de uma fábrica em Alagoinhas, no interior da Bahia.

Nos meios políticos, ninguém duvida: ACM ganhou mais uma. Pelo menos, na simpatia popular. Quanto à sua proximidade com o presidente Fernando Henrique, todos preferem esperar a virada do ano para tirar conclusões. Mas, para o presidente do Senado, só a vitória popular já é suficiente, segundo dizem os políticos ligados a ele.

RESPEITO

Desde que chegou ao Senado, Antônio Carlos colocou como meta conseguir dos brasileiros em geral a admiração que conquistou dos baianos. Sua estratégia, antes mesmo de ocupar a presidência, foi atacar o Judiciário. Colecionou

denúncias de todo o País contando mazelas de juízes, desembargadores e tribunais. Vez por outra, ia para a tribuna, fazia duras críticas ao Judiciário. Mas não chegou a levar o assunto adiante, depois que foi atropelado pela crise do banco Econômico.

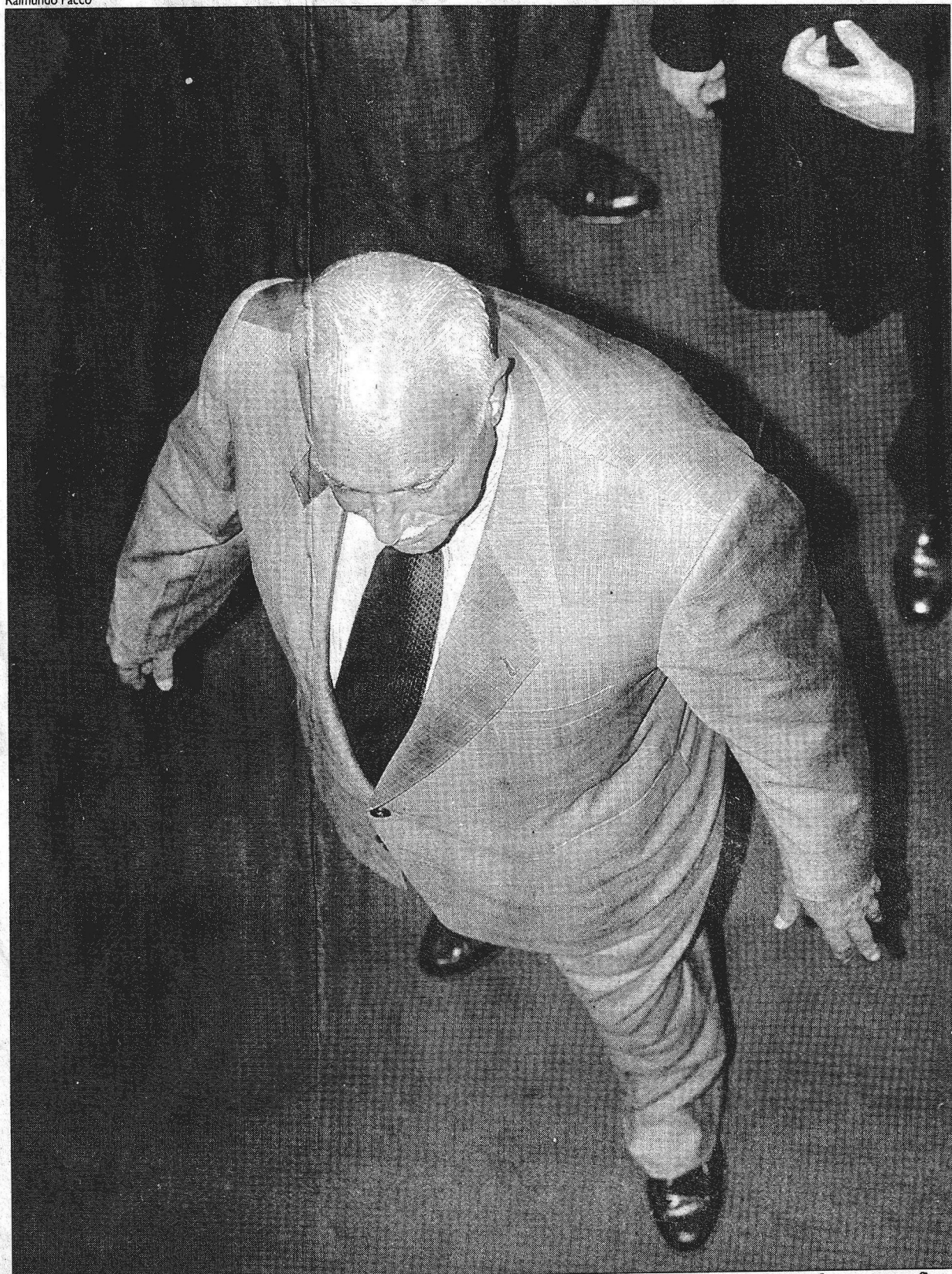
Logo no seu primeiro ano de Senado, viu-se obrigado a marchar para o Palácio do Planalto com toda a bancada da Bahia e exigir que se buscasse uma solução viável para o Econômico. Sempre ao seu estilo, foi por causa da crise dos bancos que ele deu um soco no senador Ney Suassuna (PMDB-PB).

Depois disso, Antônio Carlos, que já ensaiava os primeiros passos rumo à Presidência da Casa, decidiu mudar o estilo. O velho "Toninho Malvadeza", como era chamado pelos adversários na Bahia, voltou a encarnar o "Toninho Ternura", para os mesmos adversários.

Assim que assumiu a presidência da Casa, tomou decisões que deixaram os servidores de cabelos em pé. Cópias grátis para lobistas, nem pensar. Trabalhar de calças jeans e camiseta, nem mesmo na gráfica do Senado. Todos devem ir de paletó e gravata.

No plenário, não fez diferente. Transformou a reforma da Previdência numa proposta simpática para a população ao quebrar os privilégios, como os de magistrados e parlamentares que detinham aposentadorias especiais. Contrariando a tradição do Senado, deu o troco nos ministros da área econômica que não o convidaram com antecedência para discutir o pacote convocando-os a dedicar uma ensolarada manhã de sábado aos senadores e deputados. E, desde ontem, com as mudanças no pacote, os políticos não têm dúvidas: "houve respeito com o chefe de um Poder", disse um senador. (DR)

Raimundo Paccó



Importância: ACM invocou a posição de presidente do Senado para exigir participação nas decisões sobre o pacote fiscal